

A Estrutura Retórica do Gênero Resposta Argumentativa

RHETORICAL STRUCTURE OF ARGUMENTATIVE ANSWER

Juliano Desiderato **ANTONIO** *
Jackline Altoé dos **SANTOS** **

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever a estrutura retórica do gênero resposta argumentativa em um *corpus* formado por 15 redações do concurso vestibular de inverno de 2009 da Universidade Estadual de Maringá. O instrumento de análise foi a RST (*Rhetorical Structure Theory* – Teoria da Estrutura Retórica). Tomou-se a afirmação inicial como porção nuclear da resposta argumentativa. Entre a afirmação inicial e o desenvolvimento (satélite), os candidatos estabeleceram, em sua maioria, relação de evidência, que tem caráter interpessoal, para tentar convencer seu destinatário (a banca de avaliação das redações) de que seu ponto de vista estava correto. No interior da afirmação inicial, a relação que apresentou maior frequência de ocorrência foi a de contraste. Nossa hipótese é que a própria coletânea de textos da prova do vestibular tenha levado os candidatos a apresentar aspectos positivos e aspectos negativos da internet. No nível mais alto da porção textual que funciona como desenvolvimento, a relação mais frequente é a de lista porque os candidatos apresentam vários argumentos de mesmo estatuto. A segunda relação com maior frequência de ocorrência no nível mais alto da porção que funciona como desenvolvimento é a relação de contraste. Assim como ocorreu no interior da afirmação inicial, essa alta frequência pode ser atribuída às informações presentes na coletânea de textos da prova, que apresentavam aspectos positivos e aspectos negativos da internet. Das 15 redações analisadas, 12 apresentaram conclusão. Essa parte foi considerada satélite da porção

* Pós-doutor em Estudos Linguísticos (Unesp/São José do Rio Preto, 2011). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE-UEM). Contato: jdantonio@uem.br.

** Mestre em Letras (PLE-UEM, 2012). Professora de Língua Portuguesa da Faculdade Alvorada/Uniandrade de Maringá. Contato: jacklg2@hotmail.com.

textual formada pela afirmação inicial mais o desenvolvimento, e a relação que se estabeleceu foi homônima.

Palavras-chave: RST. Resposta argumentativa. Superestrutura.

Abstract: The aim of this paper is to describe the rhetorical structure of the argumentative answer genre in a corpus formed by 15 compositions of the winter vestibular of Universidade Estadual de Maringá. The instrument of analysis used in the investigation was RST (Rhetorical Structure Theory). The initial statement was considered the central unit of the argumentative answer. Most of the writers held evidence relation between the central unit (nucleus) and the expansion (satellite). Evidence relation is interpersonal and the aim of the writers is to convince their addressees (in this case the compositions evaluation committee) that their point is correct. Within the initial statement, the relation with higher frequency was contrast. Our hypothesis is that the selection of texts of the test influenced the applicants to present positive and negative aspects of the internet. In the higher level of the expansion text span, list is the most frequent relation because the applicants present various arguments with the same status. Contrast was the second relation with highest frequency in this same level. Our hypothesis is that the selection of texts of the test influenced the applicants to present positive and negative aspects of the internet as it happened in the initial statement. Within the 15 compositions, 12 had a conclusion. This part was considered a satellite of the span formed by the initial statement and its expansion. The relation held was homonymous.

Keywords: RST. Argumentative answer. Superstructure.

Introdução

Um dos fatores responsáveis pela coerência dos textos certamente diz respeito às relações que se estabelecem entre as partes do texto. Essas relações recebem várias denominações como, por exemplo, “proposições relacionais” (MANN; THOMPSON, 1983), “relações discursivas”, “relações de coerência” ou “relações retóricas” (TABOADA, 2009). Neste trabalho, pretende-se descrever as relações retóricas utilizadas na superestrutura do gênero resposta argumentativa.

O *corpus* da pesquisa é formado por 15 redações produzidas para o concurso vestibular de inverno de 2009 da Universidade Estadual de Maringá

(UEM). A escolha do *corpus* baseou-se em critérios que levaram em conta se a forma do gênero e a organização das porções textuais estavam adequadas.

A análise das redações foi realizada tomando-se como base a *Rhetorical Structure Theory* (Teoria da Estrutura Retórica), doravante RST, uma teoria funcionalista cujo principal pressuposto é o de que, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas proposições relacionais, que surgem da combinação entre orações ou entre porções maiores de textos (chamadas *text spans*, na terminologia da RST) (MANN; THOMPSON, 1983).

O conceito de superestrutura adotado neste trabalho tem base em van Dijk (1983). Segundo esse autor, todo texto se organiza em dois planos textuais distintos. Um deles é de natureza semântica, chamado macroestrutura, e comporta as partes centrais de um texto; o outro é esquemático, chamado de superestrutura, e agrupa essas partes em uma ordem global. A macroestrutura tem relação com o sentido do texto, enquanto a superestrutura é um esquema textual abstrato, com formas relativamente fixas, composto por categorias vazias (preenchidas pela macroestrutura), que correspondem ao formato característico de um determinado tipo de texto.

1 Fundamentação Teórica

1.1 O gênero resposta argumentativa

De acordo com Menegassi (2011), a resposta argumentativa pertence à esfera escolar/acadêmica e faz parte de um processo de avaliação. Por isso o cumprimento dos objetivos estabelecidos pelo comando é de extrema importância para o produtor do texto.

Garcia (1985¹) afirma que a argumentação tem como propósito principal convencer, persuadir ou influenciar o leitor. Isso faz parte do gênero resposta argumentativa, pois o produtor do texto deve se basear nos textos de apoio (no caso do concurso e vestibular da UEM) para formular sua argumentação e convencer o leitor (a banca de avaliação de redações do vestibular).

¹ A primeira edição é de 1967.

Dois elementos são apontados por Garcia (1985) como principais na construção da argumentação. São eles:

- a) a consistência do raciocínio: para o autor, a legítima argumentação deve ser construtiva em sua finalidade; não deve ser vazia de sentido nem ausente de senso comum;
- b) a evidência das provas: o autor remete a Descartes para definir o que é evidência. Segundo Garcia (1985), a evidência é a certeza manifesta, a certeza a que se chega pelo raciocínio ou pela apresentação dos fatos, independentemente de qualquer teoria. São cinco as maneiras mais comuns de evidenciar um fato para sustentar a argumentação: i) os fatos mostram o que aconteceu realmente, têm um sentido bastante amplo e costumam designar a própria evidência; ii) os exemplos são fatos típicos ou representativos de determinada situação; iii) as ilustrações são um prolongamento dos exemplos em narrativa detalhada e entremeada de descrições; iv) os dados estatísticos são fatos específicos que têm um grande valor de convicção e constituem quase sempre uma prova ou evidência incontestável; v) por fim, o testemunho, que é um fato trazido à tona por intermédio de terceiros.

Segundo Menegassi (2010), a resposta argumentativa deve partir de uma afirmação inicial. Neste trabalho, considera-se que a afirmação inicial corresponde ao conceito de tópico frasal apresentado por Garcia (1985), compreendido no contexto maior do parágrafo.

De acordo com Garcia (1985), o parágrafo-padrão – aquele que possui a estrutura mais comum e mais eficiente – é formado por duas ou, **eventualmente, três partes. São elas:** a introdução, que é formada por um ou dois períodos curtos em que se expressa de maneira sucinta o tópico frasal, ou ideia-núcleo; o desenvolvimento, que é a explanação do tópico frasal; e a conclusão, que pode não aparecer nos parágrafos mais curtos em que o tópico frasal não apresenta maior complexidade.

Após analisar centenas de parágrafos, Garcia (1985) verificou que mais de 60% deles apresentavam tópico frasal inicial. Segundo o autor, isso acontece porque o tópico frasal é um método muito eficaz de explanar ou expor ideias. Se a ideia-núcleo for exposta logo no início, o tópico frasal garante a objetividade, a coerência e a unidade do parágrafo. Ou seja, se o autor marca

o tópico logo no início, ele define sobre o que falará, dá um norte às ideias que serão desenvolvidas no decorrer do texto.

1.2 A RST

A RST é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1992). Parte do princípio de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988).

De acordo com Matthiessen (2005), a RST surgiu de pesquisas que tinham como objetivo investigar a organização dos textos. A finalidade maior da pesquisa estava relacionada à geração automática de textos. Além dos pesquisadores ligados à informática, como Bill Mann, dois linguistas de renome, Christian Matthiessen e Sandra Thompson, se uniram ao grupo, que também contava com a consultoria de Michael Halliday, grande nome da Linguística Sistemico-Funcional. Desde então, a RST tem sido usada tanto na Linguística Descritiva quanto na Linguística Computacional. No primeiro caso, é uma ferramenta de análise da Linguística de Texto, apresentando grande utilidade na descrição da superestrutura de diversos gêneros textuais, como pode ser observado nos trabalhos a respeito do português brasileiro de Giering (2009), Decat (2010), Antonio (2004), Altoé dos Santos (2012). Além disso, tem grande destaque na Linguística Funcional no que tange ao estudo da combinação de orações, descrevendo relações que se estabelecem entre as orações na microestrutura textual (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988).

De acordo com a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Para Mann e Thompson (1983), as proposições relacionais permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações. De acordo com a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu. Essas relações também recebem outros rótulos como “relações retóricas”, “relações discursivas”, “relações de coerência” (TABOADA, 2009, p. 127).

Ao tratar das relações retóricas tanto no nível discursivo quanto no nível gramatical (combinação entre orações), a RST demonstra sua filiação à Linguística Funcional, um grupo de teorias que consideram essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (BUTLER, 2003; NEVES, 1997). Podem ser observados na RST, de acordo com Antonio (2009), pressupostos de outros modelos funcionalistas:

- a) o modelo de análise *top-down* da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, partindo do texto para os níveis mais baixos da estrutura gramatical (VAN VALIN, 2002);
- b) a motivação discursiva da gramática, observada nos trabalhos dos pesquisadores que compõem o grupo conhecido como Funcionalismo da Costa-Oeste dos EUA, dentre os quais podem ser destacados alguns trabalhos, como Hopper e Thompson (1980), Givón (1983), Du Bois (1987), dentre outros.

Inicialmente, uma lista de vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1988), após a análise de centenas de textos por meio da RST. Posteriormente, uma versão estendida dessa lista foi divulgada no site da RST². Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos.

As funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos:

- a) relações que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência, contraste;
- b) relações que dizem respeito à apresentação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo: motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

² Disponível em: <<http://goo.gl/XISSF6>>.

Como as relações que dizem respeito ao assunto têm como função levar o destinatário a reconhecer a existência da relação, pode-se afirmar que elas são semânticas e podem ser associadas à metafunção ideacional proposta por Halliday (1985), que é responsável pela construção das experiências do usuário de uma língua natural. Caso o destinatário não reconheça as relações que se estabelecem entre as partes do texto, não conseguirá calcular sua coerência.

Por outro lado, como as relações que dizem respeito à apresentação são utilizadas pelo falante com o objetivo de agir sobre o destinatário do texto, pode-se afirmar que elas são pragmáticas e podem ser associadas à metafunção interpessoal proposta por Halliday (1985), que é responsável pelos recursos gramaticais utilizados pelo falante para interagir com seu interlocutor. Reconhecendo a relação, o destinatário poderá concordar, acreditar ou agir de acordo com o conteúdo da porção de texto que constitui o núcleo.

No que diz respeito à organização, as relações podem ser divididas em dois tipos:

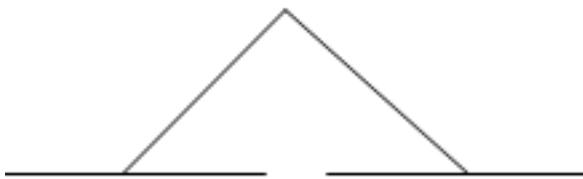
- a) relações núcleo-satélite, em que uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1, na qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo;



Fonte: Mann e Thompson (1988, p. 247).

Figura 1 – Esquema de relação núcleo-satélite

- b) relações multinucleares, nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2.



Fonte: Mann e Thompson (1988, p. 247).

Figura 2 – Esquema de relação multinuclear

A identificação das relações pelo analista se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN; THOMPSON, 1988).

2 Análise

2.1 Superestrutura da resposta argumentativa encontrada no *corpus*

As 15 redações analisadas foram produzidas para o concurso vestibular de inverno de 2009 da Universidade Estadual de Maringá. Após a leitura dos textos de apoio, os alunos deveriam responder à pergunta “A internet é nociva?”.

O gênero resposta argumentativa apresenta, em sua estrutura prototípica, a afirmação inicial, que é a resposta à pergunta, o desenvolvimento, parte na qual o candidato tenta convencer o leitor de que seu ponto de vista está correto, e, na maioria dos textos do *corpus*, a resposta argumentativa apresentou uma conclusão.

A definição da porção de texto considerada o núcleo da resposta argumentativa foi feita com base no conceito de nuclearidade, tomado como princípio organizador central da estrutura do texto (MANN; THOMPSON,

1988). A porção escolhida como núcleo, na análise, é aquela que é mais central para os propósitos do produtor do texto. No caso das redações que compõem o *corpus* deste trabalho, considerou-se a afirmação inicial como núcleo da superestrutura do texto. Entre a afirmação inicial (núcleo) e o desenvolvimento (satélite) estabeleceram-se as relações de evidência (em 14 das 15 redações) e de elaboração (em apenas uma redação). A maior frequência de ocorrência da relação de evidência se justifica pelo fato de o produtor do texto, ao utilizar essa relação, ter como intenção aumentar a crença do leitor no conteúdo do núcleo, como pode ser observado no quadro 1. No que diz respeito às funções globais, a relação de evidência é de apresentação, ou seja, é interpessoal, pragmática, sendo utilizada quando se pretende agir sobre o destinatário do texto, que é o caso da resposta argumentativa. Por outro lado, na relação de elaboração, o produtor do texto apenas enumera elementos para acrescentar informações ao conteúdo do núcleo, como pode ser observado no quadro 2. Essa relação, no que diz respeito à sua função global, é de conteúdo, ou seja, é semântica, ideacional, utilizada quando se deseja que o destinatário do texto apenas reconheça a relação.

Quadro 1 – Definição da relação de evidência

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo (N) ou sobre o satélite (S) individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante
Evidência	Sobre N: o destinatário pode não acreditar em N a um nível considerado pelo falante como sendo satisfatório. Sobre S: o destinatário acredita em S ou considera-o digno de crédito.	A compreensão do conteúdo de S por parte do destinatário aumenta sua confiança no conteúdo do núcleo.	A confiança do destinatário no conteúdo do núcleo aumenta.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

Quadro 2 – Definição da relação de elaboração

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Elaboração	Nenhuma	<p>O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo ou é acessível inferencialmente no núcleo em uma ou mais das maneiras listadas a seguir. Na lista, se o núcleo apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o satélite inclui o segundo.</p> <p>grupo :: membro abstração :: instância todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: específico</p>	<p>O destinatário reconhece o satélite como fornecendo detalhes adicionais para o núcleo. O destinatário identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é fornecido.</p>

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

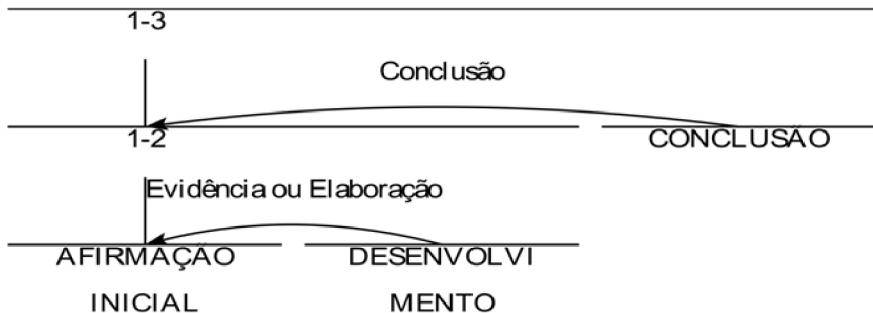
Outra parte da resposta argumentativa que também aparece como satélite na estrutura retórica dos textos do *corpus* é a conclusão, que ocorreu em 12 das 15 redações. A relação utilizada é homônima. Embora não faça parte do rol das relações clássicas da RST, foi definida posteriormente. Segundo Pardo (2005, p. 137), na relação de conclusão, o leitor reconhece que o satélite é uma conclusão produzida devido à interpretação do núcleo. A definição da relação de conclusão pode ser observada no quadro 3.

Quadro 3 – Definição da relação de conclusão

Nome da relação	Restrições sobre N e S, individualmente	Restrições sobre N+S	Intenção do falante
Conclusão	Em S: S é um juízo fundamentado, uma inferência, uma consequência necessária ou uma decisão final com respeito à situação apresentada em N	Em N + S: S apresenta uma declaração final que envolve a situação apresentada em N	O destinatário reconhece que S é uma declaração final a respeito de N

Fonte: Pardo (2005, p. 137).

Dessa forma, a estrutura retórica encontrada nas redações pode ser representada como no diagrama da figura 3, a seguir: a afirmação inicial é o núcleo, que é desenvolvido pelas relações de evidência ou de elaboração, e a conclusão, que é satélite da porção textual formada pela afirmação inicial mais o desenvolvimento.



Fonte: Os autores.

Figura 3 – Diagrama da estrutura retórica da resposta argumentativa das redações que compõem o *corpus*

No exemplo da figura 4, apresenta-se a superestrutura de uma redação na qual o candidato utilizou a relação de evidência no desenvolvimento. Essa

redação também apresenta conclusão, sinalizada pelo item ‘portanto’. As evidências são exemplos de fatos possíveis ou habituais. Esses fatos são as muitas opções de entretenimento na internet, que podem atrapalhar os jovens quando estão fazendo trabalhos escolares ou quando acabam sendo influenciados pela violência de alguns jogos. Azar (1999), ao analisar textos argumentativos utilizando a RST, verificou que, quando o produtor do texto utiliza a relação de evidência, o tipo de argumento utilizado no satélite é uma razão ou uma informação com a finalidade de fornecer um suporte ou um apoio para uma conclusão.

No exemplo da figura 5, a seguir, apresenta-se a superestrutura da redação na qual o candidato utilizou a relação de elaboração no desenvolvimento. Esse candidato enumerou aspectos que ele julga que tornam a internet nociva. Para isso, utilizou a relação de lista, cuja definição pode ser observada no quadro 4.

Quadro 4 – Definição da relação de lista

Nome da relação	Condições em cada par de N (núcleos)	Intenção do falante
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro núcleo por meio da relação de Lista	O destinatário reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

2.2 Relações utilizadas pelos candidatos no interior da afirmação inicial

A afirmação inicial pode ser composta por apenas uma oração ou pode ser constituída por um núcleo e um satélite, que, por sua vez, pode ser composto por uma ou mais orações. No quadro 5, a seguir, apresentam-se as relações que emergem entre o núcleo e o satélite no interior da afirmação inicial.

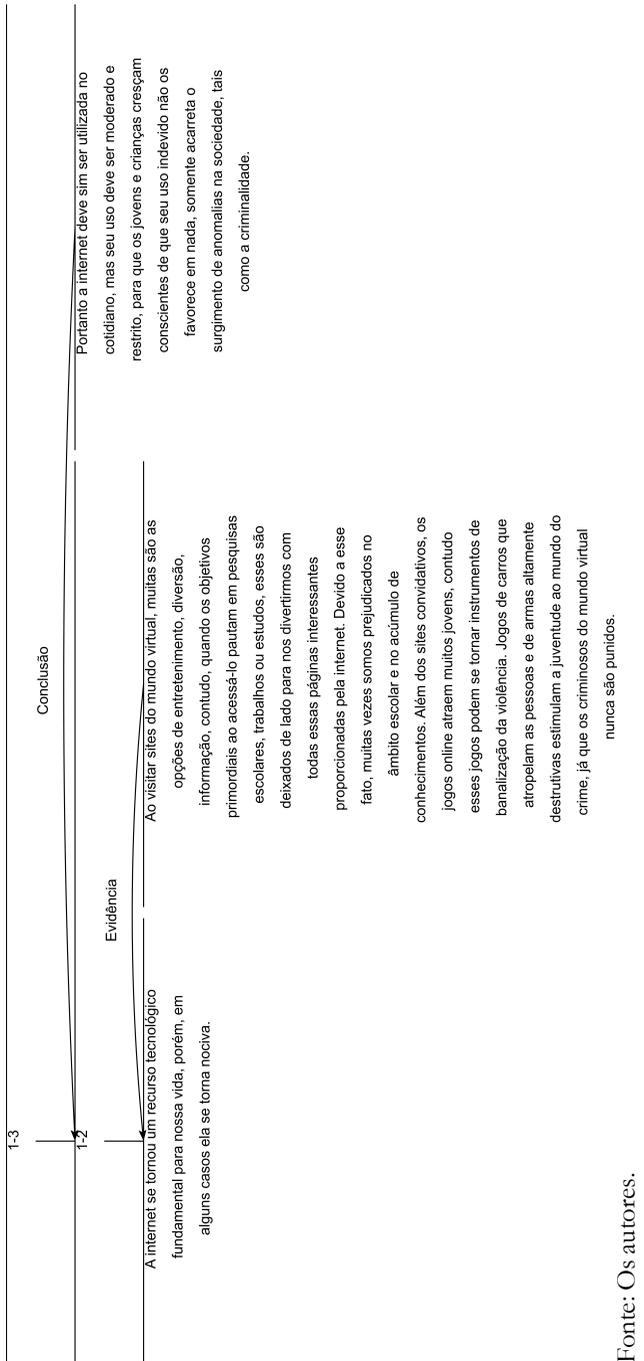


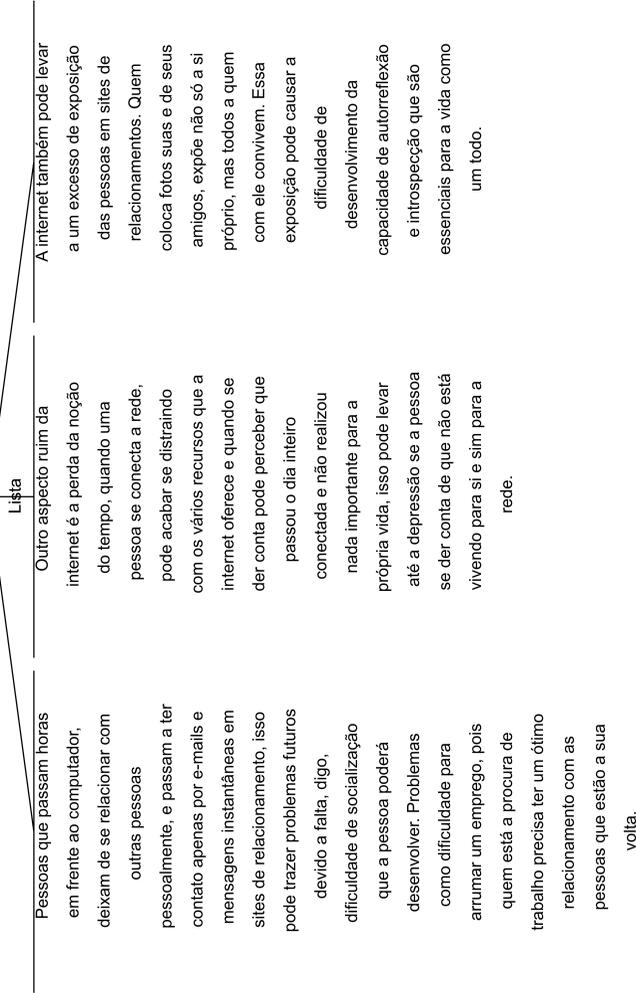
Figura 4 – Diagrama da estrutura retórica da resposta argumentativa com desenvolvimento marcado pela relação de evidência³

³ Nas figuras utilizadas na análise, não serão apresentadas as relações estabelecidas entre todas as orações adjacentes, pois, devido à extensão dos textos, não seria possível acomodar os diagramas neste espaço.

Elaboração

A internet pode ser considerada nociva devido a vários aspectos.

2-4



Fonte: Os autores.

Figura 5 – Diagrama da estrutura retórica da resposta argumentativa com desenvolvimento marcado pela relação de elaboração

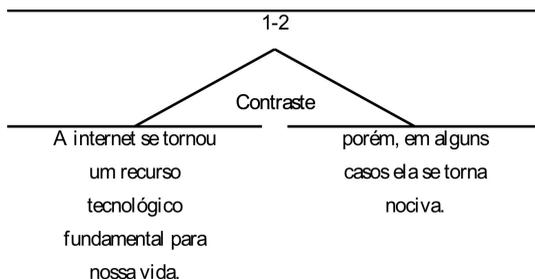
Quadro 5 – Relações utilizadas pelos candidatos no interior da afirmação inicial

RELAÇÃO	N	%
Contraste	4	30,7
Concessão	2	15,4
Justificativa	2	15,4
Adição	1	7,7
Conclusão	1	7,7
Condição	1	7,7
Elaboração	1	7,7
Preparação	1	7,7
TOTAL	13	100

Fonte: Os autores.

Pode-se observar que apresenta maior frequência de ocorrência a relação de contraste, que, segundo a definição (MANN; TABOADA, 2010), faz que o leitor reconheça a possibilidade de comparação e da existência de diferenças suscitadas pela comparação realizada (cf. definição no quadro 6). Isso se deve ao fato de que muitos candidatos optaram pelo desenvolvimento polêmico do tema. Abordaram o aspecto positivo da internet (benefícios trazidos pela internet) e também o aspecto negativo (se não for bem utilizada, pode ser nociva). É o que acontece no exemplo da figura 6. O contraste é marcado pelo conectivo adversativo “porém”. Segundo Neves (2000), as orações adversativas “enlaçam unidades, apontando uma oposição entre elas”. A própria coletânea de textos⁴ que fundamenta a resposta no concurso vestibular da UEM leva o candidato a afirmar que a internet não é boa nem nociva, o problema está em quem a utiliza.

⁴ A prova do vestibular pode ser encontrada em: <<http://goo.gl/oyVNd3>>. Acesso em: 12 dez. 2012.



Fonte: Os autores.

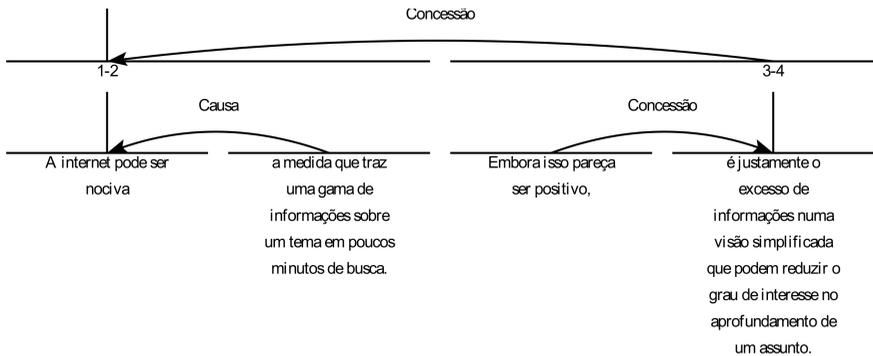
Figura 6 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de contraste

Quadro 6 – Definição da relação de contraste

Nome da relação	Restrições sobre cada par de núcleos	Intenção do falante
Contraste	Não mais do que dois núcleos; as situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) comparado com respeito a uma ou mais dessas diferenças.	O destinatário reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas pela comparação sendo feita.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

A relação de concessão (cf. definição no quadro 7), marcada pelo conectivo “embora”, como pode ser observado na figura 7, apresenta função semelhante à relação de contraste. Para Mann e Thompson (1988), a diferença entre essas duas relações reside no fato de que a concessão envolve uma atitude positiva do leitor face ao núcleo, porém o núcleo não se realiza. Thompson e Mann (1987) e Taboada e Gomez Gonzales (2012) afirmam que, na relação de concessão, o autor pretende levar o leitor a acreditar no conteúdo do núcleo, diferentemente da relação de contraste, que é neutra.



Fonte: Os autores.

Figura 7 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de concessão

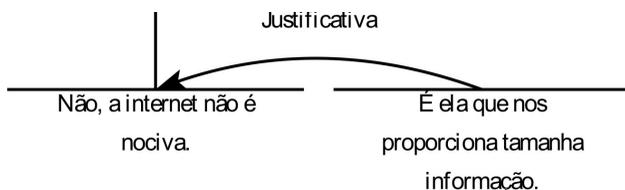
Quadro 7 – Definição da relação de concessão

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Concessão	Sobre N: o falante/escritor tem conceito positivo por N. Sobre S: o falante/escritor não está defendendo que S não tenha algo a ver.	O falante/escritor reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta o conceito positivo do ouvinte/leitor em relação a N.	O conceito positivo do ouvinte/leitor em relação a N aumenta.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

Ao utilizar a relação de justificativa (cf. definição no quadro 8), o candidato tem como intenção aumentar a tendência de o leitor aceitar o que foi exposto no núcleo (MANN; TABOADA, 2010). Isso aconteceu nas

redações em que o candidato assumiu um posicionamento e justificou o porquê de ter assumido esse posicionamento, como no exemplo da figura 8. Mesmo sem a presença de um conectivo que marque a relação de justificativa, pode-se justificar a plausibilidade da análise pelo fato de o núcleo ser composto por um ato de fala.



Fonte: Os autores.

Figura 8 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de justificativa

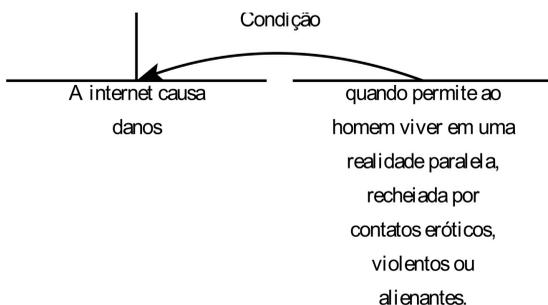
Quadro 8 – Definição da relação de justificativa

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Justificativa	Nenhuma	O destinatário, compreendendo S, aumenta sua prontidão para aceitar o direito do falante para apresentar N.	A prontidão do destinatário para aceitar o direito do falante para apresentar N aumenta.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

Segundo Mann e Taboada (2010), na relação de condição (cf. definição no quadro 9), o satélite apresenta uma situação hipotética, futura ou não realizada, e a realização do núcleo depende da realização do satélite. Isso corrobora a afirmação de que, na maioria dos textos, os candidatos não se

posicionaram de forma categórica a respeito da nocividade da internet. Nesses casos, eles afirmam que a internet é nociva se for utilizada de maneira exagerada, ou se faz que as pessoas vivam em uma realidade paralela, criada no computador, como acontece no exemplo da figura 9. Nesse caso, a condição foi marcada pelo conectivo “quando”. Segundo Neves (2000), algumas configurações modo-temporais e aspectuais aliadas a determinados traços semânticos em que se utiliza o item “quando” podem propiciar a leitura condicional, como nesse exemplo.



Fonte: Os autores.

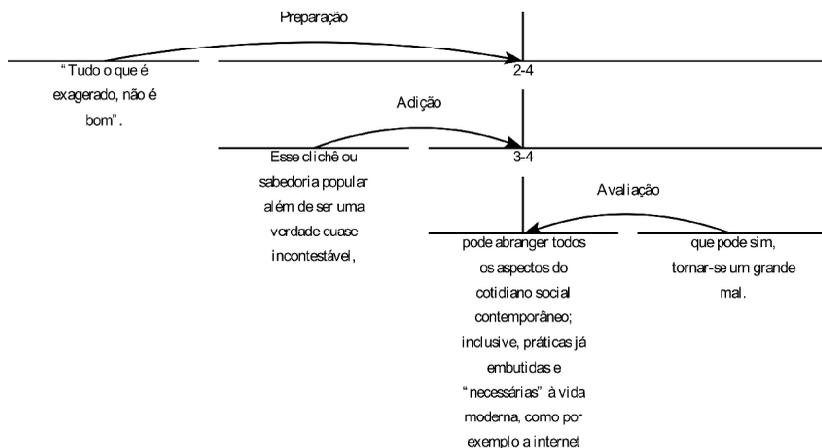
Figura 9 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de condição

Quadro 9 – Definição da relação de condição

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Condição	Sobre S: S apresenta uma situação não realizada hipotética, futura (relativa ao contexto situacional de S).	A realização de N depende da realização de S.	O destinatário reconhece como a realização de N depende da realização de S.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

Na relação de preparação (cf. definição no quadro 10), o candidato “dá uma pista” antes de apresentar sua resposta. A relação de preparação busca fazer que o leitor esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler o núcleo (MANN; TABOADA, 2010), como acontece no exemplo da figura 10.



Fonte: Os autores.

Figura 10 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de preparação

Quadro 10 – Definição da relação de preparação

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Preparação	Não há.	S precede N no texto; S tende a fazer com que o destinatário esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler/ouvir N.	Tornar o destinatário mais preparado, interessado ou orientado para ler/ouvir N.

Fonte: Mann e Taboada (2010, tradução nossa).

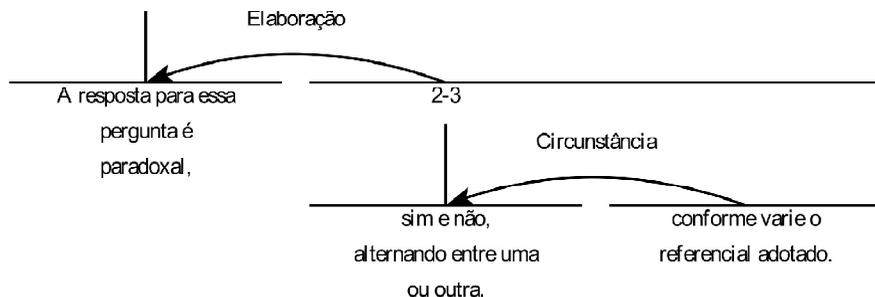
A relação de adição não faz parte do rol de relações clássicas, mas essa relação pode ser definida a partir das orações aditivas de Halliday (1985). No caso do exemplo da figura 11, essa relação é marcada pelo item “aliás”, utilizado pelo candidato para adicionar aspectos positivos da internet à afirmação inicial.



Fonte: Os autores.

Figura 11 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de adição

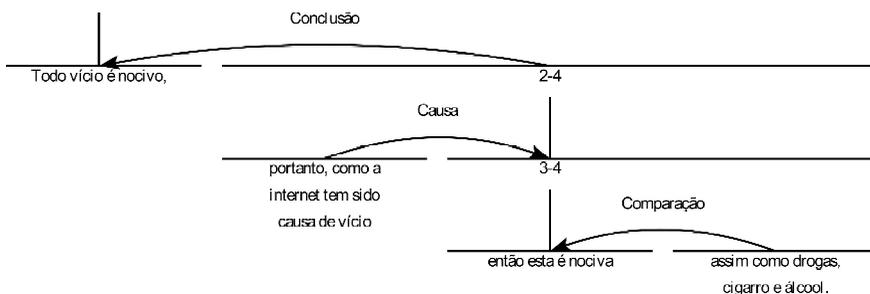
A relação de elaboração (cf. quadro 2) é utilizada pelo candidato no exemplo da figura 12 para especificar o paradoxo mencionado na afirmação inicial.



Fonte: Os autores.

Figura 12 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de elaboração

A relação de conclusão (cf. quadro 3), observada no exemplo da figura 13, é marcada pelo conectivo “portanto”. O candidato faz uma espécie de silogismo em sua afirmação inicial.



Fonte: Os autores.

Figura 13 – Diagrama da estrutura retórica de afirmação inicial em que se estabelece relação de conclusão

2.3 Relações utilizadas pelos candidatos no interior do desenvolvimento

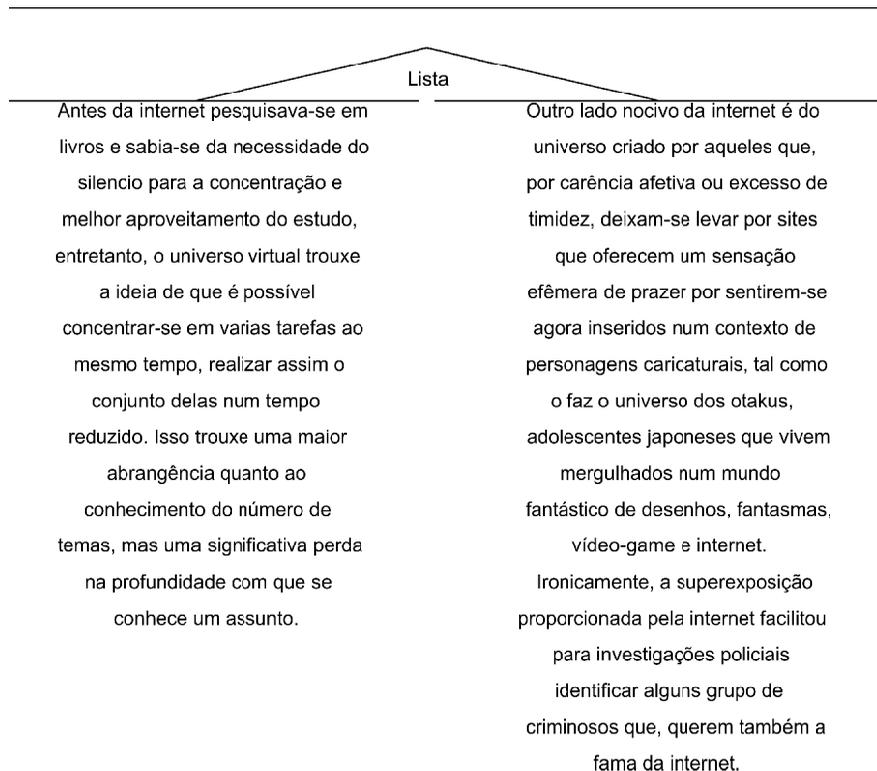
O desenvolvimento constitui a maior porção textual da resposta argumentativa, ou seja, é a parte que apresenta maior número de relações. Nesta seção do trabalho, analisaremos a frequência de ocorrência das relações que aparecem no nível mais alto do desenvolvimento (cf. quadro 11, a seguir).

Quadro 11 – Relações utilizadas pelos candidatos no nível mais alto do desenvolvimento

RELAÇÃO	N	%
Lista	7	46,6
Contraste	6	40
Causa	1	6,6
Elaboração	1	6,6
TOTAL	15	100

Fonte: Os autores.

Do interior da porção textual que constitui o desenvolvimento emergem outras relações (em níveis mais baixos) que auxiliam na argumentação, apresentando vários elementos que servem para exemplificar os fatos expostos no desenvolvimento. Por isso, a relação de lista (cf. quadro 4) é a que apresenta maior frequência de ocorrência. Pode-se observar um exemplo da ocorrência da relação de lista no nível mais alto do desenvolvimento na figura 14.

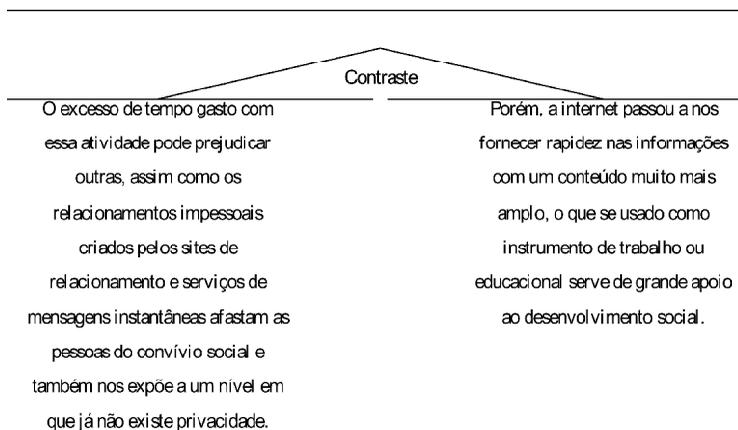


Fonte: Os autores.

Figura 14 – Diagrama da estrutura retórica do desenvolvimento em que se estabelece relação de lista

A alta frequência de ocorrência da relação de contraste (cf. quadro 6) – utilizada em seis das 15 redações analisadas (40%) – sugere que os textos da

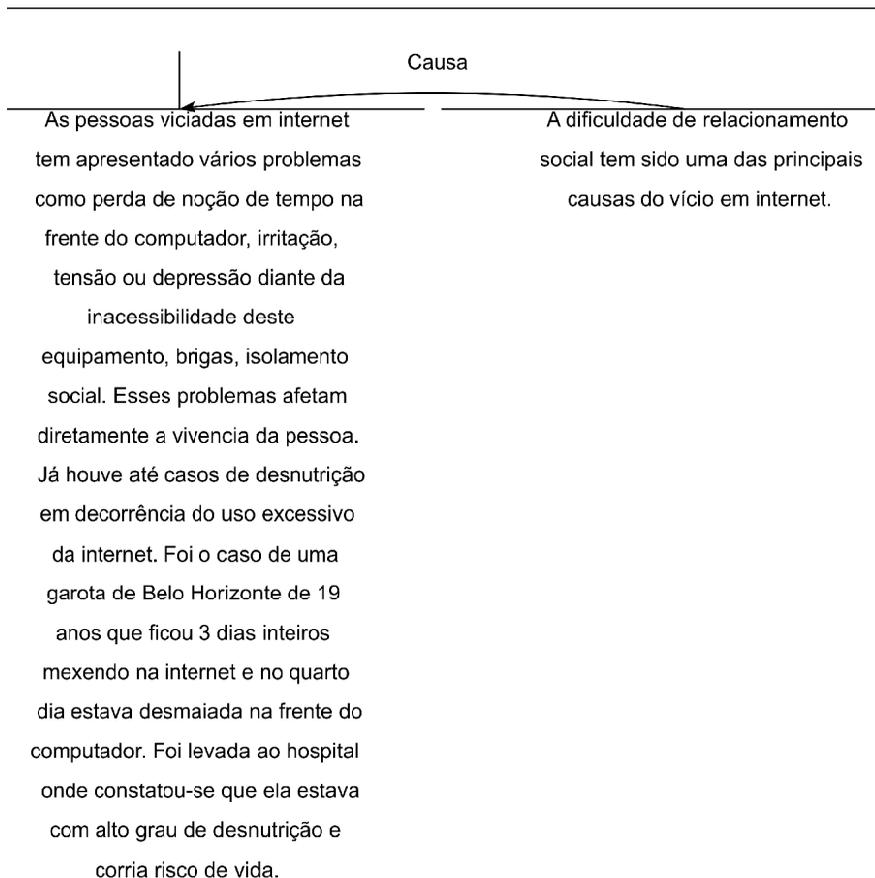
coletânea levavam o aluno a apontar aspectos positivos e aspectos negativos da internet na tentativa de atender ao comando e de pontuar na prova, como pode ser observado no exemplo da figura 15. Nesse exemplo, o contraste é marcado por meio do conectivo “porém”.



Fonte: Os autores.

Figura 15 – Diagrama da estrutura retórica do desenvolvimento em que se estabelece relação de contraste

Na relação de causa (cf. definição no quadro 12), o evento do satélite é apontado como causador do evento do núcleo, ou seja, o autor da redação afirma que é a dificuldade que as pessoas têm em se relacionar socialmente que causa o vício na internet, como pode ser observado no diagrama da figura 16.



Fonte: Os autores.

Figura 16 – Diagrama da estrutura retórica do desenvolvimento em que se estabelece relação de causa

Quadro 12 – Definição da relação de preparação

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Causa	sobre N: N é uma ação ou uma situação que poderia ter surgido de uma ação.	S poderia ter levado o agente da ação em N a realizar aquela ação; sem a apresentação de S, o destinatário poderia não considerar a ação como motivada ou conhecer a motivação particular; N é mais central para os propósitos do falante ao apresentar a combinação N-S.	O destinatário reconhece S como a causa da ação em N.

Fonte: Mann; Taboada (2010, tradução nossa).

A relação de elaboração (cf. quadro 2) foi utilizada no desenvolvimento com a finalidade de desenvolver um tópico apresentado como núcleo dessa parte da resposta argumentativa. No exemplo da figura 17, o candidato afirma, no núcleo, que existem sintomas do uso abusivo da internet e, no satélite, ele apresenta esses sintomas.

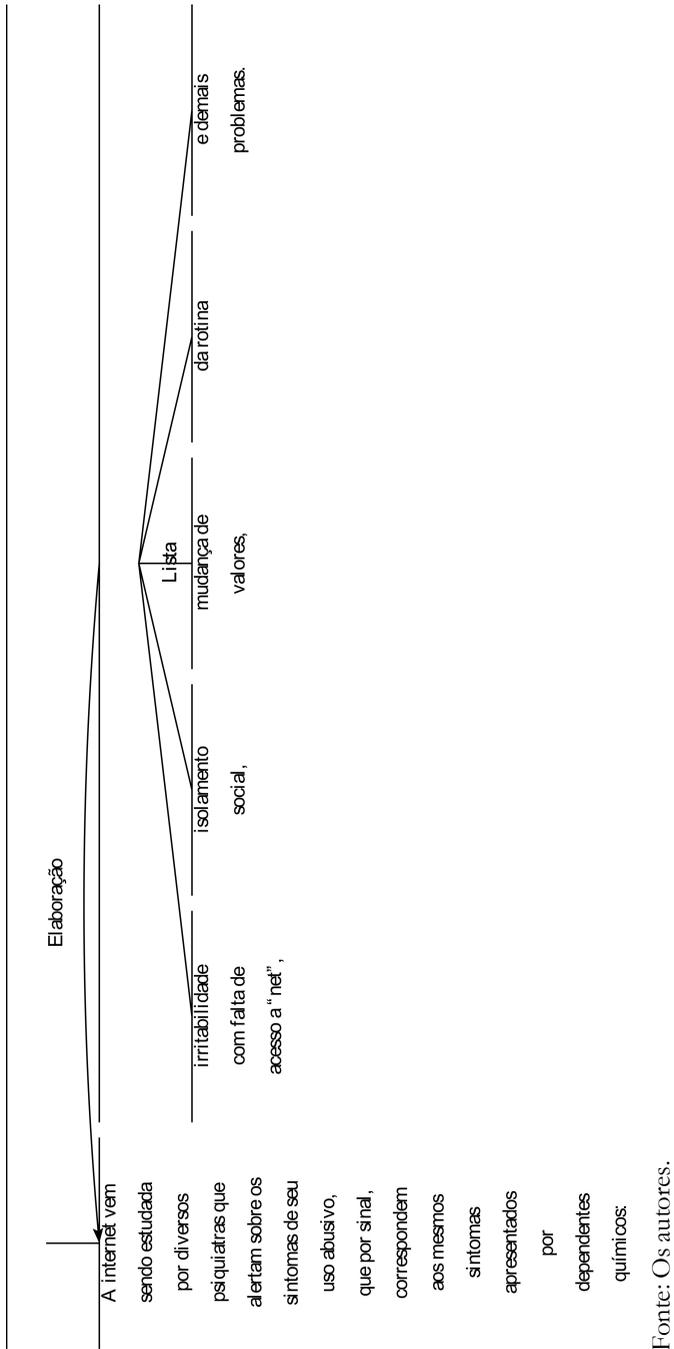


Figura 17 – Diagrama da estrutura retórica do desenvolvimento em que se estabelece relação de elaboração

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo descrever a estrutura retórica do gênero resposta argumentativa em um *corpus* formado por 15 redações do concurso vestibular de inverno de 2009 da Universidade Estadual de Maringá. O instrumento de análise foi a RST (*Rhetorical Structure Theory* – Teoria da Estrutura Retórica).

Tomou-se a afirmação inicial como porção nuclear da resposta argumentativa. Entre a afirmação inicial e o desenvolvimento (satélite), os candidatos estabeleceram, em sua maioria, relação de evidência. Isso se justifica pelo fato de essa relação apresentar caráter interpessoal, ou seja, o candidato tenta convencer seu destinatário (a banca de avaliação das redações) de que seu ponto de vista está correto, apresentando, no satélite, uma razão ou uma informação com a finalidade de fornecer um suporte ou um apoio para uma conclusão.

No interior da afirmação inicial, a relação que apresentou maior frequência de ocorrência foi a de contraste. Nossa hipótese é que a própria coletânea de textos da prova do vestibular tenha levado os candidatos a desenvolver a afirmação inicial de forma polêmica, apresentando aspectos positivos e aspectos negativos da internet. Ao utilizarem a relação de contraste, os candidatos objetivam que o leitor reconheça a possibilidade de comparação e da existência de diferenças suscitadas pela comparação realizada.

No nível mais alto da porção textual que funciona como desenvolvimento, a relação mais frequente é a de lista. Isso ocorre porque os candidatos apresentam vários argumentos de mesmo estatuto, justificando o emprego de uma relação multinuclear. A segunda relação com maior frequência de ocorrência no nível mais alto da porção que funciona como desenvolvimento é a relação de contraste. Assim como ocorreu no interior da afirmação inicial, essa alta frequência pode ser atribuída às informações presentes na coletânea de textos da prova, que apresentavam aspectos positivos e aspectos negativos da internet.

Das 15 redações analisadas, 12 apresentaram conclusão. Essa parte foi considerada satélite da porção textual formada pela afirmação inicial mais o desenvolvimento, e a relação que se estabeleceu foi homônima.

Referências

- ALTOÉ DOS SANTOS, J. *As relações retóricas no gênero resposta argumentativa: um estudo da superestrutura do gênero e da expressão linguística das relações*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- ANTONIO, J. D. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.
- AZAR, M. Argumentative text as rhetorical structure: an application of Rhetorical Structure Theory. *Argumentation*, v. 13, p. 97-114, 1999.
- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 2003.
- DECAT, M. B. N. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, J. H. C.; SARAIVA, M. E. F. (Orgs.). *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 231-262.
- DU BOIS, J. W. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1985.
- GIERING, M. E. A organização retórica de artigos de divulgação científica midiática e a organização sequencial do texto. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 5, p. 78-99, 2009.
- GIVÓN, T. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 252-299, 1980.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190, 1987.
- MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.
- MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 39-77.
- MANN, W. C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/XISSF6>>. Acesso em: 28 ago. 2012.
- MATTHIESSEN, C. Remembering Bill Mann. *Computational Linguistics*, v. 31, n. 2, p. 161-172, 2005.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). *Clause combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam; Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 275-329.
- MENEGASSI, R. J. *Gêneros do discurso segundo Bakhtin*. 2010. (Mimeo).
- MENEGASSI, R. J. A escrita na formação docente inicial: influências da iniciação à pesquisa. *Signum – Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 14, n. 1, p. 387-419, jun. 2011.
- NEVES, M. H. M. N. *Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. N. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PARDO, T. A. S. *Métodos para Análise Discursiva Automática*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional) – Universidade de São Paulo, São Carlos.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.). *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 127-140.

TABOADA, M.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. L. A. Discourse markers and coherence relations: Comparison across markers, languages and modalities. *Linguistics and the Human Sciences*, v. 6, n. 1-3, p. 17-41, 2012.

THOMPSON, S. A.; MANN, W.C. A discourse view of concession. In: DELANCEY, S.; TOMLIM, R. (Eds.). *Proceedings of the Second Annual Pacific Linguistics Society*. University of Oregon, 1987. p. 435-446.

VAN DIJK, A. T. *Estructuras y funciones del discurso: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1983.

VAN VALIN, R. D. JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Eds.). *The handbook of linguistics*. Malden: Blackwell Publishers, 2002. p. 250-263.

Recebido em: 23/05/2014

Accito: 26/10/2014